

## Hamilton Vaz Pereira (org.) – *Trate-me Leão*

Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

André Luís Gomes

Marco do teatro brasileiro na década de 70, o grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone inovou a cena brasileira. Para aqueles que não puderam estar na platéia dos teatros para assisti-lo, a publicação de *Trata-me Leão*, organizado por Hamilton Vaz Pereira, é uma excelente oportunidade para saber dos anseios, dos medos, das buscas daquela geração.

*Trate-me Leão* é uma edição comemorativa dos 30 anos do grupo. Pode e deve ser lida junto a uma outra publicação lançada pela Editora Aeroplano: *Asdrúbal trouxe o trombone: memórias de uma trupe solitária de comediantes que abalou os anos 70*, de Heloisa Buarque de Hollanda.

Estas publicações se complementam: *Trate-me Leão* traz a peça teatral e algumas fotos, todas em preto e branco. No livro de Heloisa Buarque de Hollanda há o que falta em termos visuais para construir com mais nitidez a originalidade e criatividade do grupo: fotos, desenhos, manuscritos e até um DVD, ou seja, um “doculivro”, como a autora quer considerá-lo, pois reúne entrevistas e muitos elementos para balizar o que representou o espalhafatoso grupo para o panorama teatral brasileiro e o quanto ele ecoou e tem ecoado na mídia televisiva, em grupos musicais, como a Blitz e em programas humorísticos como o *TV Pirata*, *Brasil Legal* e *Os Normais*.

Na edição organizada por Hamilton Vaz Pereira, temos, além da peça, três textos sobre o grupo, escritos, como não poderia deixar de ser, pelos três comediantes fundadores: o próprio Hamilton, Regina Casé e Luiz Fernando Guimarães.

Hamilton Vaz Pereira, no texto intitulado “O tempo de fazer uma criança”, faz um histórico do grupo que, depois de ter encenado, em 1974, *O Inspetor Geral*, de Nicolai Gogol, e *Ubu*, de Alfred Jarry, decidiu “participar do mundo falando do próprio umbigo, dos seus medos e alegrias, anseios e ambições, delícias e angústias, problemas e soluções”. O dia-a-dia do carioca ganhava a cena, através de exercícios de improvisação e encenação propostos pelo diretor. A peça, portanto, nasceu de fragmentos de diálogos, de tramas esboçadas, de roteiros rascunhados e de letras de música, crônicas, contos que a trupe encena. Adotando uma forma livre de atuação cênica e construção dramatúrgica, conta o organizador que cartas de namorados escritas à mão, sinopses de cenas de rua, seqüências cinematográficas, tudo valia para os jogos teatrais que resultaram na criação coletiva agora publicada. Acrescenta ainda que o Asdrúbal já caminhava para este tipo de encenação, uma vez que, em *O Inspetor Geral*, brincadeiras infantis foram adotadas no processo de concepção cênica; jogos circenses em *Ubu* e a música e a dança estimularam a montagem de *Trate-me Leão*.

A mistura de dança, música e dramaturgia desorientou a crítica da época: afinal aquela criação espalhafatosa e colorida, dividida em oito blocos ou cenas, seria um espetáculo teatral, um show ou um musical?

Em 1977, a criação coletiva estava pronta e o grupo Asdrúbal, depois de nove meses, estreava *Trate-me Leão*, com Regina Casé, Luiz Fernando Guimarães, Perfeito Fortuna, Patrícia Travassos, Evandro Mesquita, Nina de Pádua e Fábio Junqueira.

A espontaneidade da criação fica mais evidente no texto de Regina Casé, “Asdrúbal entrou para a história por olhar para o próprio umbigo”, no qual a comediante fala do caráter de improvisado e de como o texto nascia de relatos e observações pessoais, de entrevistas e papos com Chico Buarque, Fauzi Arap e Nelson Mota. E fala também do surpreendente sucesso do grupo e da influência do Asdrúbal na sua vida pessoal e profissional – basta lembrarmos do hilário *Brasil Legal*, programa veiculado pela Rede Globo.

Já Luiz Fernando Guimarães discorre, principalmente, sobre o processo de criação e a idéia de montar um espetáculo que não tinha absolutamente nada de cenário e só utilizava gestos, figurinos e sonoplastia para levar à cena situações cotidianas, intimidades e transformações de uma juventude ávida por mudanças e liberdade. Além do sucesso e do efeito multiplicador do grupo, o comediante comenta sobre a prisão dos atores/atrizes e de como o grupo então percebeu o caráter político do espetáculo.

A peça é dividida em oito cenas ou blocos. Para cada cena há uma sinopse, que julgo desnecessária, e rubricas que indicam o cenário, os personagens presentes em cada cena e figurinos. Graças ao cenário e figurino, temos com mais clareza o espaço cênico delimitado – Rio de Janeiro, a construção das personagens e a atmosfera cênica pretendida: shorts, camisetas, descontração.

Os diálogos são rápidos, num bate-bola que agiliza e prende a atenção do leitor. São jovens que preparam uma festa, discutem seus ideais, seus vícios, seus problemas, as diferenças sociais, a sexualidade, os preconceitos, numa linguagem coloquial que exagera nas gírias – muitas ainda em uso – como os verbos “descolar”, “viajar”, “rangar” e polemizam sobre temas que permanecem em pauta, como o aborto, drogas e o uso de camisinha.

Outros temas próprios da juventude, como vestibular e teste vocacional, constroem cenas cômicas e absurdas em que, por exemplo, a personagem Gilda conversa com um orelhão e, noutra, Arthur está preso em um banheiro há doze horas e dialoga com Jorge, estudante de medicina, e, entre uma fala e outra, solta frases filosóficas do tipo “o banheiro é o lugar onde o homem se encontra”.

Os jovens são estudantes e pertencem à classe privilegiada, por isso não faltam observações preconceituosas sobre empregadas, objeto de desejos de Wilson e Plínio, que aproveitam que os “velhos” não vão estar em casa para “arriscar umas domésticas”.

Como são jovens estudantes, não poderia faltar uma cena em que a escola fosse o tema e cenário. Na cena III, os jovens estão em sala de aula, analisando a relação professor-aluno-escola: o descontentamento dos estudantes, o autoritarismo de professores, o quanto algumas disciplinas são desnecessárias, as avaliações etc. Neste ambiente escolar, não

faltam também as paqueras, as transas e drogas. As falas são previsíveis e reproduzem definições e opiniões que estão na boca de qualquer jovem estudante “descolado”.

Na cena IV, temos os conflitos gerados pela grande cidade e na relação entre pais e filhos, sempre do ponto de vista do adolescente, mas criando cenas hilárias em que jovens que lutam por liberdade têm de pedir o carro do “velho” emprestado.

Jovens rebeldes vão acampar no mato na cena V, “Grilos no mato”. As personagens estão cercadas por uma “paisagem bem-aventurada”, pensando na possibilidade de sair de casa, romper regras e tabus sociais. A paixão entre Charles e Andréa e a temática metalingüística invadem o texto e, numa auto referência, a personagem Virgínia afirma que fazia parte de um “elenco de pessoas incríveis: o Asdrúbal Trouxe o Trombone” e acrescenta que está dividida “entre as coisas que tenho de fazer e as que eu gostaria de fazer”. Neste momento, trechos da música “Eu vou fazer uma canção pra ela...” tomam conta da paisagem bem-aventurada.

Em “Quem parte, quem fica”, cena VI, personagens alegóricos – o Quem parte e o Quem fica – debatem sobre a vida com suas idas e vindas e Todos falam um texto/canção reafirmando o que querem e que não querem: “Tô mais pra ir do que pra ficar/Tô mais para umbigada que pra sutiã/ Tô mais pra laço que gravata...” Os diálogos vão crescendo em densidade psicológica e as falas rápidas, próprias de adolescentes des preocupados, cedem espaço para falas mais longas e para alguns monólogos que parecem resultar da maturidade e do peso das descobertas.

Na cena VII, “Mocidade Independente”, o próprio fazer teatral ganha mais falas e a proximidade com o espectador aumenta. Os atores juntos vão lançando questões que ultrapassam o palco, pois passam a ser dirigidas também ao espectador. Esta aproximação com o público vai se estabelecendo de forma gradual e crescente: “Quem gosta de ter muitos amigos, levanta o braço!” até o clímax final: “Levanta o braço quem gosta de teatro!”. E a cena termina em clímax coletivo, pois, como pede a rubrica, “rola uma trepada de todos”.

No desfecho, “Trate-me Leão”, temos o que poderíamos chamar de falas-depoimentos de Regina/Leoa, Luiz Fernando/Leão, Fábio/Leão, Evandro/Leão, Patrícia/ Leoa, Perfeito/Leão e Nina/Leoa em que cada um manifesta sua adesão ao fazer teatral e celebra o teatro, rosnando em

direção à platéia. No final, os atores-leões e as atrizes-leoas saltam da jaula e se dirigem a uma platéia já domada.

Ler a peça e os depoimentos é perceber o quanto o teatro invadiu e alimentou alguns programas humorísticos e como a televisão contribuiu para resgatar, pelo menos pela imaginação, a atuação de Regina Casé, Patrícia Travassos, Luiz Fernando Guimarães, Evandro Mesquita em *Trate-me Leão*. Como leitura, o texto é bem vindo não só por trazer esse marco da encenação da década de setenta para o papel, mas também por expor ao público que teve ou não teve o prazer de assistir o Asdrúbal, seu modo original de tratar de temas de uma geração que rompia tabus e pulverizou o modo de representar para além dos palcos, chegando à tv e ao cinema. Talvez possamos resumir o que a trupe Asdrúbal sentiu ao comemorar trinta anos em uma das falas da personagem Charles: “Eu quero viver. Não aprender a viver!”, pois percebeu que viveu e aprendeu e ensinou a viver! Vale viver a leitura da peça!